



Cena do filme "Dogville" (2003), do diretor dinamarquês Lars von Trier.

A SOBERANIA CANCEROSA RUSSA

Por Luiz Feldman

O recente seqüestro de centenas de crianças de uma escola na cidade de Beslan, na província russa da Ossétia do Norte, e sua subsequente matança, devida ao confronto entre forças de segurança estatais e seqüestradores-terroristas, guarda alguma dimensão analógica em relação ao filme Dogville, do diretor Lars von Trier, e ao livro Pavilhão de Cancerosos, de Alexander Solzhenitsyn. O que pretende este ARS é tratar do atentado em Beslan, ápice de uma série de inquestionável tenebrosidade terrorista na Federação Russa, à luz bifocal das perspectivas de von Trier e de Solzhenitsyn.

"Dogville" conta uma estória que, dentre tantas interpretações e nuances, narra a sujeição de Grace (representada por Nicole Kidman) a uma comunidade isolada no interior dos Estados Unidos da América e a eventual guinada da personagem para posição de supremacia em relação àqueles que antes a mantinham cativa. Dogville era uma cidadezinha de pouquíssimos habitantes onde toda a ação do filme se passa, e é marcante que von Trier tenha optado por não erguer paredes entre as residências, demarcando os limites residenciais, comerciais e de demais referências da comunidade com linhas brancas grafadas no chão. Dentro de cada espaço as identidades se configuram, surgindo no meio-tempo figuras distintas como a organista silenciosa, o velho cego ou o transportador de mercadorias. Neste contexto, uma fugitiva chega à cidade vinda pela longa estrada que liga Dogville ao próximo ponto da civilização. Sua integração, causa de disputas dos mais diversos caracteres, acaba se dando por meio de seu trabalho para a comunidade, ajudando os cidadãos aqui e ali. Nunca havendo se tornado membro efetivo da seleta comunidade de Dogville, Grace acaba por sofrer crescentemente sob seu jugo, tolerando condições adversas e sempre submetida à "territorialidade" da cidade, no sentido de que sua subserviência se dava no contexto das linhas dentro das quais Grace praticava sua escravidão.

No processo de sua ascensão à condição soberana na comunidade, a personagem de Kidman recebe o aporte de aparato de destruição que lhe dá incalculável capacidade de determinar os desígnios da sociedade, o que instantaneamente inverte a relação de domínio entre o resto da comunidade e a personagem, dando a esta poder sobre o resto. No filme, este aporte se dá de forma algo inusitada, remontando aos caprichos da Fortuna, como descrita por Machiavelli. Agindo em uma medida situada adiante do revisionismo, Grace arrasa Dogville e dali parte para algum lugar não identificado, que, na verdade, mais parece um não-lugar, já que, no que compete à sua estória com Dogville, Grace acaba por se sepultar junto da comunidade, deixando vivo somente o cachorro da cidade. A tentação experimentada pela personagem beira o ímpeto de um astronauta que pode engatilhar um ataque nuclear total à Terra. Para onde ele iria voltar, contudo, não se sabe.

Em "Pavilhão de Cancerosos", Solzhenitsyn conta a estória, triste e épica, de Oleg Kostoglotov, um ex-soldado russo que, preso e levado para campos de concentração, anos depois é libertado e acaba por padecer de câncer, motivo pelo qual vai se tratar num pavilhão de cancerosos numa isolada república soviética. O livro começa com a internação de um burocrata de média patente no hospital e continua por descrever múltiplas dimensões da vida ali, com os enfermos de um setor e o mosaico composto pelas suas experiências. No correr de suas páginas, contextualizadas no crítico tempo da morte de Stalin e assunção de Khrushchev, dá-se o embate entre Rusanov, o burocrata, e Kostoglotov, antigo idealista agora decepcionado com a União Soviética, conquanto ainda fiel à causa comunista. Termina por narrar a saída de Kostoglotov, sua viagem de trem de volta para casa, incerto sobre a reincidência do câncer.

Retrata um (anti-)herói anônimo da União Soviética. Na fila do trem, Oleg reconhece um colega de campo de concentração fazendo-se passar por doente para garantir um bom lugar na terceira classe do trem. "Era um truque que Oleg poderia ter usado, conseguindo um bom beliche. Mas, com o passar dos anos, cansara-se daqueles truques. Queria obter as coisas com honestidade e correção, como exigia o velho funcionário [da estação]". Após a traumática internação, Kostoglotov escolhe agarrar-se ao fio de vida que lhe resta, conformando-se em saber que "os outros não tinham sobrevivido. Mas ele sim. Nem sequer morreria de câncer. [...] O trem estremeceu e começou a mover-se. Só então, no fundo de seu coração, de sua alma, de qualquer parte de seu peito, no mais profundo de sua emoção, sentiu-se de repente mergulhado em angústia".³⁴

Voltando-nos para o caso da onda de atentados recentes na Rússia, que culminaram com a ação em Beslan, o terrorismo neste país se exacerba dez anos depois do início do conflito na Tchetchênia, no qual o separatismo despontou como um grande desafio a ser superado pela Rússia nos tempos pós-Guerra Fria. A fragmentação de Estados como a própria URSS e a Iugoslávia, na esteira da queda do Muro de Berlim, trouxe à tona a questão da integridade territorial do enorme estado russo, que engloba numa Federação diversas etnias, culturas e situações sócio-econômicas. Se essa integridade ainda não assistiu a xequês diretos contra si, ela certamente não pode ser pensada fora do contexto de um Estado que, se menos "forte" que outrora, hoje não deixa de ser uma unidade soberana dentro de cujas fronteiras exercitam-se com boa liberdade as prerrogativas "nacionais". Também no plano externo, o colapso da União Soviética não significou total questionamento das políticas de intervenção alhures. Se a expansão da causa comunista pelo mundo não está mais na ordem do dia em Moscou, a estabilidade nas vizinhanças da Federação certamente está, e assim pode-se começar a pensar as políticas russas para países como Uzbequistão, Estônia ou Geórgia.

Mas se por um lado o governo do presidente Putin dá mostras da paz de consciência no sentido de afirmar a fórmula estatal no pós-URSS, ele indubitavelmente se encontra em meio a problemas que não constavam da alta pauta de antigos dirigentes do Kremlin, como a insegurança dos arsenais nucleares ou a corrupção de membros de forças de segurança. Sendo o objetivo do texto a questão do terrorismo separatista, o ponto é que as estórias de Kostoglotov e Grace têm algo a dizer. Ao passo que não se almeja oferecer explicação da conjuntura russa através de interpretação calcada no filme e no livro em questão, pretende-se aqui atentar para como elementos de ambas narrativas informam o pensar a respeito de Beslan e da Rússia da atualidade.

Além da Tchetchênia, outras repúblicas russas têm-se engajado em esforços separatistas, como o Daguestão, a Ingushétia e a Ossétia do Norte, onde se situa Beslan. Sendo o terrorismo um artifício do separatismo e o separatismo um abrigo para o terrorismo (afinal, terroristas necessitam, em alguma escala, de apoio territorial), o que ocorre é a articulação de ambos como um vetor de questionamento do Estado russo. As linhas grafadas no chão, que identificam a identidade russa, são postas em questão, e alguma dose de *Fortuna* parece ter sido aportada para aqueles que adotam postura revisionista em relação à da Federação. Um ponto que se levanta é sobre qual será o limite do envolvimento separatista-terrorista, e, em um mundo temeroso da aquisição de armas de destruição em massa por terroristas, pode-se interrogar sobre os limites da ação destrutiva que, tal qual a de Grace em Dogville, nada deixou vivo senão um cachorro. É certo que tais armas representam maior ameaça para centros urbanos de maior porte do que para províncias separatistas, mas o que importa aqui é o fato de que, nas palavras do Professor Onofre dos Santos Filho, o terrorismo não incida sobre o estado nem tampouco sobre a sociedade, e sim sobre as relações entre um e outro.

O separatismo tchetcheno golpeou seriamente Moscou quando pôs soldados russos na defensiva no correr do conflito armado que durou entre 1994-1996 e que ainda hoje não está resolvido. Confirmou o claro enfraquecimento da Federação Russa em face do antigo poderio soviético e contribuiu para a percepção de vínculos estabelecidos entre movimentos separatistas e movimentos terroristas, particularmente após a queda das torres gêmeas em Nova Iorque e da ação dos Estados Unidos no Afeganistão, até então um porto relativamente seguro para grupos terroristas. No

³⁴ Solzhenitsyn, Alexander. Pavilhão de Cancerosos (2ª Ed.). Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971. pp 298-300

contexto da luta norte-americana contra o terrorismo, tornou-se politicamente interessante para Moscou associar-se a Washington na repressão a atividades terroristas, já que destas atividades, no território russo, emanam conexões com os separatismos. "Guerra ao terrorismo", em russo governamental, ora significa a associação dos separatistas aos islâmicos, e com isso a justificação internacional para a luta contra as "autodeterminações" desta ou daquela província. Um recente editorial do *Le Monde* diz que, "aos que esperavam uma abertura do diálogo, ele [Putin] fecha as portas e anuncia 'novos métodos', cuja brutalidade podemos infelizmente imaginar".³⁵

Dessa forma, não se pode excluir do caso da escola de Beslan o fato de que em face de tal barbárie o estado russo tenderá a ampliar o escopo de ação de seu executivo em detrimento de seu judiciário. Isso não é gratuito. Conforme argumenta Michel Wieviorka, "quanto menos o governo consegue fazer, mais a mídia amplia o evento, mais autônoma a polícia se torna, mais rígida e tomada de pânico se mostra a opinião pública, e cada vez menos compatíveis são as exigências formuladas pelas forças políticas".³⁶ Se o estado russo não atingiu um estágio que faça completo jus ao pressuposto de Estado democrático demandado por Wieviorka para que tomem lugar os elementos de seu cálculo exposto acima, ele certamente não se encontra em posição de desconsiderá-lo. Para a Rússia, como para vários outros países e também para os moradores de Dogville, as linhas devem ser respeitadas, pois, ao fim e ao cabo, é a partir delas que se tem a ordem necessária para a vida e para a convivência. Além das linhas, o caos. Um componente que certamente amedronta os russos no caso de Beslan é a indagação, de volta ao limite entre a ação separatista-terrorista, sobre qual será a fronteira entre uma revisão das linhas –separatismo que utiliza o terrorismo para realizar seu objetivo- e a destruição completa destas linhas, haja vista correntes que defendem que terroristas, desprovidos de causa, atuam instruídos pelo culto à morte desprovido de razão, o qual "is thriving at the fringes of the Muslim world".³⁷

Em face dessa situação periclitante, não resta muito à nação russa senão se agarrar à esperança de que, conforme defende um determinado analista, se a Federação sobreviveu aos primeiros cinco ou seis anos após a queda do Muro, então ela se manterá por mais um bom tempo. Ainda, de que toda essa experiência pode indicar a "vacinação" da Rússia em uma nova dimensão da interação de Estado com sociedade e também do próprio conceito de Estado no plano internacional. Na equação do 'Estado-nação', esta última [nação] sofre com os ataques do terrorismo em prol daquele [Estado], num ciclo de fim desconhecido. Afinal, quando se tem crianças como alvo, a menos que o culto à morte se desdobre na matança com particular qualidade de pesar e choque, não se faz senão transformá-las em russas, na acepção mais política do termo.

Cambaleante qual Kostoglotov, sem dúvida a Rússia passa por dias penosos, seja de enfermidade ou de preparação, lutando contra esse câncer que parece ser o separatismo imiscuído com terrorismo. Com atentados como o de Beslan, mesmo passado o câncer, o mergulho na angústia é praticamente inevitável. Ainda pior, rememorando o caso da cidadezinha de Pripjat com sua trágica proximidade dos reatores nucleares explodidos de Chernobyl,³⁸ onde até hoje se pode ler no quadro negro da escola local a frase "Não há retorno. Adeus. 28 Abril 1986", Beslan aponta uma inquietante seqüência de manifestações, no âmbito escolar, das pragas que assolam a antiga União Soviética.

³⁵ "Os porquês do apoio incondicional do Ocidente a Vladimir Putin". *Folha de São Paulo*, 8 de setembro de 2004.

³⁶ WIEVIORKA, Michel. Política e Terrorismo. In: Dicionário do Pensamento Social do Século XX. William Outhwaite & Tom Bottomore (Eds.) Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1996. pp 585-586

³⁷ "Death Cult", por David Brooks. *The New York Times*, 7 de setembro de 2004.

³⁸ "Dois dias depois que explosões na usina nuclear de Chernobyl lançaram ao ar toneladas de materiais radioativos, esta mensagem foi escrita em um quadro negro de uma escola primária das redondezas. A mensagem lá está até hoje". Ver: texto deste autor na 42ª Edição de O Debatedouro: ARS: Chernobyl pelas lentes de Polidori.